

# CONCURSO DE REDAÇÃO

*Revista-Coletânea*



Vitória, ES, 06 novembro de 2024

CENTRO EDUCACIONAL  
LEONARDO DA VINCI

An **inspirad** school





Concurso  
de  
Redação

*“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. [...] Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa; a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”.*

*Graciliano Ramos*

**Tão bem nos disse nosso grande autor Guimarães Rosa sobre a arte de escrever. O trabalho é árduo, repetitivo, demorado. Apagar, refazer, apagar, refazer... Inquietante é aquele que escreve; inquietante é o texto!**

**Antes do texto pronto, construímos as ideias em nosso pensar, advindas da construção do nosso saber ao longo dos anos na escola, da nossa convivência em sociedade, do nosso estar e ser no mundo. Nascem cidadãos críticos, reflexivos, empáticos, capazes de entender o seu entorno e conscientes do seu papel na sociedade. Nascem os escritores!**

**Um texto de qualidade tem correlação direta com a inquietação humana, com a capacidade de construir e reconstruir saberes, mesclar o real com a ficção, transcender o físico e se deixar levar pela imaginação. E nasce o fruto daquilo que o autor experimentou, seja no campo físico das suas vivências, seja no infinito campo literário – o texto!**

**Com o deslocamento da centralidade do processo educativo para o aluno, em detrimento do professor, o desenvolvimento das competências e das habilidades do cidadão desejável inexoravelmente perpassam pela formação do leitor, repercutindo na sua capacidade de se expressar, seja no campo verbal, seja no campo escrito.**

**Com muita satisfação, compartilhamos com a Comunidade Davinciana alguns textos criados por nossos alunos, os quais se destacaram no Concurso de Redação de 2024.**

**Mais do que uma premiação, o Concurso de Redação é um estímulo à formação de cidadãos pensantes.**

**Atenciosamente,**

**Mário Broetto  
Diretor do Centro Educacional Leonardo da Vinci**

O Concurso de Redação do Centro Educacional Leonardo da Vinci vem se consolidando como uma excelente oportunidade para que os alunos tenham uma relação diferenciada com a escrita. O Concurso, que acontece anualmente desde 2011, proporciona um espaço de criatividade e aprendizagem, em que a fantasia, a pesquisa e o trabalho com a linguagem constituem uma janela para um universo de possibilidades.

Todos os alunos cujos textos compõem esta seleção estão de parabéns! Não só eles, como também todos os outros que participaram e se empenharam, pois nós, do Da Vinci, não estamos focados apenas no resultado, mas ficamos extremamente satisfeitos com o processo em si, que é muito valioso para todos que o atravessam.

Neste ano de 2024, a equipe dos professores de Língua Portuguesa elaborou, em diálogo com o currículo de cada série, propostas desafiadoras, que despertaram a verve criativa dos nossos alunos. O assunto abordado em nossa agenda escolar deste ano se fez muito presente na temática do concurso de redação, pois tentamos, em todas as propostas fazer um resgate do Centro de Vitória, local que é o coração pulsante e criativo da história e da cultura do povo capixaba.

No caso dos sextos anos, eles foram convidados a escrever contos maravilhosos, tendo os espaços de Vitória como cenário, colocaram em prática a criatividade e a fantasia.

Os sétimos anos leram a obra Frankenstein, escrita por Mary Shelley e adaptada por Ruy Castro. Inspirados nesse livro, puderam criar uma narrativa com traços de terror e suspense, tendo novamente as construções mais importantes do Centro de Vitória como pano de fundo para as ações dos personagens.

Os alunos de oitavos anos escreveram contos de suspense, ambientados também em pontos importantes de nossa capital, e criaram enredos estruturados por situações que, num desfecho inesperado e surpreendente, mostram-se enigmáticas.

Ainda numa visão bem enigmática, os alunos de nonos anos produziram contos policiais, desafiando os leitores a desvendarem alguns mistérios ocorridos em lugares como Teatro Carlos Gomes, Palácio Sonia Cabral, Teatro Glória, escadaria Maria Ortiz, Porto de Vitória, entre outros.

O tema do Ensino Médio foi a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, com o propósito de refletir sobre o recorte temático: “O patrimônio, enquanto representante da história e da memória de uma sociedade, reflete sua identidade. O sujeito histórico, a partir de sua memória e história, enxerga no patrimônio sua identidade”.

O resultado desse trabalho está nas páginas que seguem. Convidamos os leitores a se deliciarem com a imaginação e criatividade dos nossos alunos do Fundamental II e, também, com a veia crítica dos estudantes do Ensino Médio.

Nossas mais sinceras congratulações a todos os autores. Que esta conquista seja mais um passo em direção a uma relação duradoura e prazerosa com a linguagem e o universo de possibilidades que ela descortina.

Equipe de Língua Portuguesa do Centro Educacional Leonardo da Vinci

## NÍVEL I

ALGO INESPERADO NO TESOURO DA PEDRA DOS DOIS OLHOS (Cecilia Rinaldi Nunes Ceotto)..	6
A MENINA DO CORAÇÃO DE OURO (Maitê da Rosa Broetto).....	8
ONDE ESTÁ O TESOURO? (Maitê Alcantara Salim Venancio).....	10

## NÍVEL II

O TEATRO DA MORTE (Daniela Andrade Padilha).....	13
SAPATILHAS EM CHAMAS (Julia Muzzi Cabral).....	15
O MISTÉRIO DE UMA NOITE NO TEATRO (Maya Zortéa Carneiro).....	17

## NÍVEL III

O CONTRATO (Liz Daroz Jabour Moulin).....	20
O SEGREDO NAS SOMBRAS (Ana Catarina Pinheiro Feu Rosa).....	22
CRIMES NO APAGÃO (Augusto Peixoto Miguel Costa Pereira).....	24

## NÍVEL IV

O RECADO (Maria Eduarda Bassetto Prest).....	27
INTRIGAS E ASSASSINATOS: O DETETIVE CARDOSO E O ESCÂNDALO CAPIXABA (João Vitor Giuberti Coradini).....	29
CENTRO DA TEIA (Marina da Rosa Broetto).....	31

## NÍVEL V

MEMÓRIAS VIVAS: O LEGADO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DOS VALORES (Isadora Brunow Costa Pedra).....	34
(Pedro Mello Guimarães).....	35
A IDENTIDADE DA HISTÓRIA (Barbara Brandão Soares).....	36

## NÍVEL VI

MUSEU DA VIDA (Laís Coutinho Passamani).....	39
“ENTRE TRADIÇÃO E ABANDONO: UM OLHAR SOBRE O CENTRO DE VITÓRIA” (Mirela Schneider Bianchi).....	41
ENTRELINHAS E GRITOS (Lia Federici Silva Olivieri).....	44

Diretor  
Mário Broetto

Edição/Diagramação/Impressão  
Setor de Eventos e Edição & Gráfica Da Vinci  
Revisão Luciana de Andrade Padilha  
Tiragem: 200 exemplares



CENTRO EDUCACIONAL  
LEONARDO DA VINCI

An **inspired** school



Maitê da Rosa Broetto   Cecilia Rinaldi Nunes   Maitê Alcantara Salim Venancio



## ALGO INESPERADO NO TESOURO DA PEDRA DOS DOIS OLHOS

No Beco Tenente Setúbal, do Morro São Benedito, em Vitória, morava uma menina muito pobre, chamada Penha, que preferia ser chamada de Pérola. Seu nome foi dado em homenagem a Nossa Senhora da Penha, por causa da devoção de sua mãe.

Ela possuía um cabelo liso cor de mel e olhos verdes claros, morava com seu pai Jorge, sua mãe Telma e seus dois irmãos, Carlinhos, de cinco anos e Rafinha, de sete. Sua mãe tinha pressão alta, o que a impossibilitava de realizar várias atividades cotidianas. Seu pai estava desempregado há mais de um ano, além de ter descoberto um câncer no estômago, três meses atrás. Os remédios e o tratamento eram muito caros, então sua saúde piorava cada vez mais. Pérola e seus irmãos estudavam em uma escola pública. A menina adorava ir à escola, principalmente nos dias das aulas de Geografia, pois gostava de ler e interpretar mapas para descobrir novos lugares a partir de sua imaginação.

Certa vez, na biblioteca de sua escola, Pérola encontrou um livro muito interessante e divertido. Ele falava sobre um tal tesouro na Pedra dos Dois Olhos. Ela nunca tinha visto uma pedra com esse nome e descobriu que era por causa de dois buracos parecidos com olhos, localizados no alto dela. Descobriu também que a pedra era rodeada pela Mata Atlântica e que lá havia vários bichos e muitos mistérios desconhecidos. Por conta de seus problemas financeiros, Pérola decidiu ir até lá para tentar encontrar o tal tesouro. Porém, uma coisa a deixava assustada: nunca ninguém havia voltado de lá depois de tentar achar esse tesouro. Mesmo assim, a menina resolveu embarcar nessa aventura.

Depois de muito planejar, decidiu ir em busca daquilo que seria a esperança para sua família. Seu plano era o seguinte: falaria com a sua mãe que estudaria na casa de uma amiga e dormiria lá; mas, na verdade, depois da escola iria direto para a Pedra dos Dois Olhos ver se o tesouro era real. De acordo com o que tinha estudado, sabia que de sua casa até à pedra levaria cerca de trinta minutos a pé, mas passaria por várias avenidas movimentadas e deveria ter muita atenção.

Quando finalmente chegou perto da pedra, percebeu que ali tinham dois macacos. Pérola morreu de medo deles, começou a correr muito rápido e acabou se perdendo. Como estava anoitecendo e ela estava muito cansada, resolveu dormir, já que não dava mais para ver quase nada naquela escuridão. No dia seguinte, ao acordar, notou ao seu lado um montinho de areia, terra e grama, tudo misturado. Como era muito curiosa, Pérola decidiu cavar e descobriu uma espécie de caderno ou um diário. Começou a lê-lo e supôs que era de uma das pessoas que tentara encontrar o tesouro. A partir das informações do caderno, Pérola soube que o tesouro ficava em um dos olhos da caverna. Ela também descobriu que o diário pertencia, provavelmente, a uma antepassada sua, pois as duas tinham o mesmo sobrenome: Solomeu.

Após mais um tempo de caminhada, ela encontrou uma cobra falante. No começo, a menina se assustou, mas logo perguntou o que ela estava fazendo ali. O animal respondeu que quando tentam encontrar o tesouro da Pedra dos Dois Olhos ela surge e

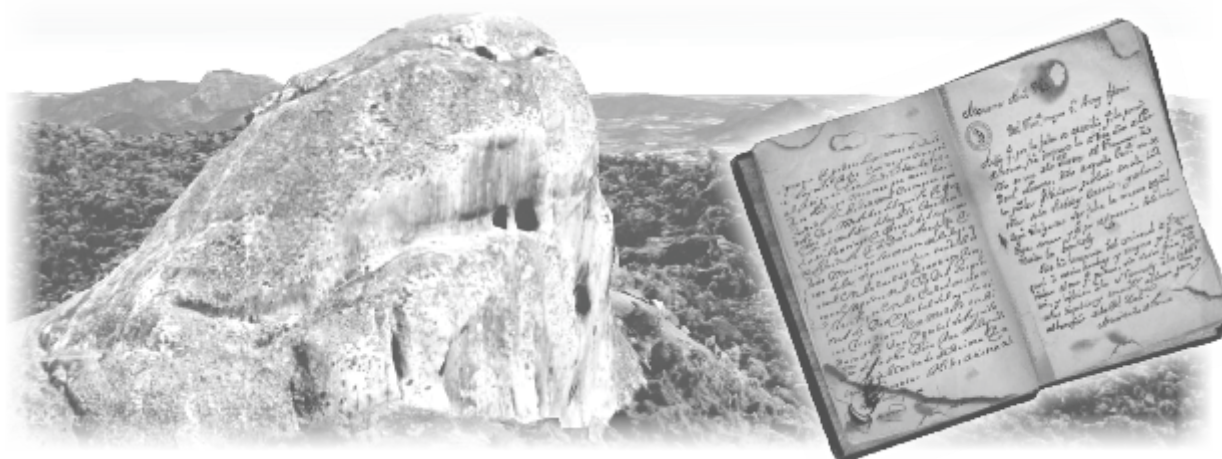


dá aos viajantes duas opções: ou eles podem seguir o seu caminho como se nada tivesse acontecido ou ela lhe dará três charadas, sendo que a resposta dessas charadas será uma pista. Caso errem, levam uma picada. Mesmo assim a menina resolveu tentar e pediu para a cobra começar a falar.

“O que é o que é? Nunca volta, embora nunca tenha ido”, “O que é o que é? Fica no início da palavra rua, no fim do mar e no meio da cara” e “O que é o que é? Voa sem ter asas e chora sem ter olhos”. A menina pensou, até que chegou a uma conclusão. A primeira resposta era o “passado”, a segunda era a “letra 'R'” e a última eram as “nuvens”. A cobra disse que, apesar de a menina ter acertado todas as respostas, não poderia falar a relação delas com a sua jornada, então ela continuou seguindo o seu rumo. Depois de mais ou menos quinze minutos de caminhada, Pérola começou a enxergar a pedra, olhou para o seu diário e entendeu o significado de “passado”, “nuvem” e a “letra 'R'”. Primeiro, a partir do diário de sua antepassada, ela descobriu um mapa detalhado da região, a letra “R” seria de rocha e as nuvens seriam da linda vista que, provavelmente, teria lá do alto.

Finalmente, chegou à base da pedra e começou a escalar. Estava ficando feliz por ter levado cordas, que havia encontrado em sua casa. Quando chegou nos “olhos”, decidiu entrar no da direita, porque parecia ter um montinho de terra, semelhante ao que tinha achado o diário. Depois de cavar, a menina encontrou o tesouro e ficou encantada com a quantidade de ouro e pedras preciosas, percebeu que no meio de tanta riqueza havia uma imagem de Nossa Senhora da Penha, então soube que ela sempre havia estado ao seu lado.

Quando chegou em casa, seus pais começaram a chorar de alegria, pois além da filha ter voltado em segurança, ainda trouxe um tesouro. Então aquela família começou a ter uma vida muito melhor do que a anterior e sempre a imagem da Nossa Senhora estava lá, juntinho com Pérola, acompanhando-a aonde quer que ela fosse.





## A MENINA DO CORAÇÃO DE OURO

Era uma vez uma menina muito curiosa, aventureira e alegre chamada Marina. Ela vivia com seus pais e seus dois irmãos gêmeos mais novos, chamados Nanda e Júlio. Sua casa era ao lado do Teatro Glória, onde adorava assistir às peças teatrais e filmes. Ficava maravilhada! Sonhava em se tornar uma famosa diretora de cinema e, por isso, em seu tempo livre, escrevia roteiros de gêneros variados, mas preferia os de aventura e comédia. Sua família, que era bem pobre, passava por várias dificuldades, pois seus pais estavam doentes; isso a deixava muito triste e exausta, já que precisava cuidar de seus irmãos sozinha.

Certo dia, enquanto estava na fila para comprar o ingresso de um filme, Marina ficou observando o Teatro e percebeu como ele estava desgastado. Ela pensava que um lugar tão importante assim precisava de uma reforma urgente. Apesar de estar alegre, quando vinha à sua memória a situação de sua família, era tomada pela tristeza. Um senhor que a sucedia na fila, percebendo seu semblante, perguntou qual a razão de ela estar com um rosto tão tristonho. Então, Marina respondeu, disfarçando:

- Não é nada! Não se preocupe.

- Se não fosse nada, você não estaria tão triste. Me conte! Quem sabe eu posso até te ajudar. – disse o senhor.

- É porque meus pais estão doentes e não temos dinheiro para pagar um médico. Tenho que ficar cuidando de meus irmãos sozinha! – respondeu a menina quase chorando.

- Acalme-se! Ouvi dizer que no topo da Pedra dos Dois Olhos existe um objeto muito valioso e cercado de mistérios. Só tem um problema: todos que foram até lá nunca mais voltaram. Se você conseguir chegar e encontrar o objeto, ganhará muito dinheiro e ainda poderá realizar um desejo! Mas tenha cuidado: dizem que a pedra tem vida própria e que nela há várias armadilhas.

A menina ficou pensando sobre isso durante muito tempo e, depois de alguns dias, resolveu subir na pedra e procurar o item tão valioso. Marina estava confiante, mas ciente de que talvez voltaria sem ele. Mesmo assim, a garota era obstinada, nunca desistia.

Chegou o dia e Marina já estava totalmente preparada. Mas não queria que seus pais soubessem pois poderiam ficar preocupados. Então, ela ligou para seu tio e pediu a ele que ficasse na sua casa e inventou a desculpa de que iria para a casa de uma amiga.

Marina saiu de casa bem cedinho e, ao chegar em frente à pedra, ficou admirando sua beleza. Percebeu que havia dois buracos lado a lado que pareciam olhos. Nesse instante imaginou que o objeto poderia estar dentro de um dos dois.

Com bastante coragem e força, a menina começou a subir e subir... Quando finalmente chegou já era quase noite e então adormeceu. No dia seguinte, Marina acordou e começou a procurar. A cada passo que dava tinha alguma armadilha, como um chão falso, ou até mesmo desenhos aterrorizantes na terra. Novamente, Marina foi andando. Até que chegou em um dos “olhos” e não encontrou nada.

Quando entrou no segundo buraco, que parecia até uma caverna, ela conseguiu enxergar finalmente um objeto brilhante e cativante, mas estava nas mãos de um ser que parecia um monstro. Ela precisava pegar a caixa, mas não sabia como!

- Se eu pegar a caixa e sair correndo, o monstro pode acabar me alcançando. Mas, e se eu

fizer uma armadilha? Pode funcionar!

Então, a garota juntou vários objetos, chegou ao lado da entrada da caverna e gritou para chamar atenção. O monstro partiu para cima dela. Quando estava chegando bem perto, Marina começou a bater os objetos, criando um eco imenso que fez o bicho tampar suas orelhas e, desse modo, ele soltou a caixa, que caiu direitinho nos braços dela. De tanto barulho, o monstro ficou tonto, se desequilibrou e acabou caindo da pedra.

A menina pegou seus pertences e resolveu dar uma olhadinha dentro da caverna. Ficou espantada!! Viu várias pessoas saindo e comemorando. Percebeu que eram aquelas que tentaram pegar a caixa, mas foram capturadas. Marina ficou muito feliz em libertá-las, mas lembrou que tinha que descer o mais rápido possível pois prometeu ao seu tio retornar antes do anoitecer.

Marina não teve tempo de abrir a caixa pois precisava ir em direção à Praça Costa Pereira, onde ficava sua casa. Lá, sentou-se em um dos bancos e, finalmente, poderia descobrir o que tinha dentro da misteriosa caixa.

A garota ficou pensando qual desejo faria. Ao abrir a caixa, viu um diamante muito valioso que, com certeza, seria o suficiente para pagar o médico de seus pais. E ainda havia a caixa, toda de ouro, que sustentaria sua família. Logo depois, de dentro da caixa, apareceu uma pequena fada que entregou um pedaço de papel escrito:

“É só me contar seu desejo e ele será realizado”.

Então Marina contou para a fada seu desejo que, após ouvir, sorriu e sumiu. A menina ficou muito decepcionada, pois achava que não iria conseguir realizar seu desejo. Ao retornar para casa, contou aos seus pais sua aventura. De início eles não acreditaram, mas ao verem o diamante e a caixa de ouro, e conhecendo o coração puro da menina, acreditaram.

Com a venda dos objetos, conseguiram dinheiro suficiente para pagar o tratamento da saúde da família e ainda sobrou para viverem bem.

Depois de algum tempo, Marina, passando em frente ao Teatro Glória, viu uma placa com os seguintes dizeres: “Desculpem pelo transtorno, estamos reformando o Teatro”. A menina sorriu e pensou: “é verdade, os desejos podem ser realizados!”

E a família de Marina viveu feliz para sempre!





## ONDE ESTÁ O TESOURO?

Há muitos anos, no município de Vitória, vivia uma menina chamada Vitória. Ela era muito pobre de recursos financeiros, mas muito bondosa, com um enorme coração. Ela vivia com os pais que eram doentes e mais dois irmãos de quem ela mesma cuidava. Vitória sempre se sentia frágil e insegura, tinha muito medo do que pudesse acontecer com sua família. Porém, apesar de todas as dificuldades, ela estava sempre disposta e com sorriso no rosto.

Seus pais, que já não tinham boa saúde, ficaram ainda mais doentes, com poucas esperanças de recuperação. Vitória estava muito preocupada em perder seus pais e ficar ainda mais sozinha e desamparada. Ela buscava todas as formas para ajudá-los, mas nenhuma funcionava.

Certa vez, ela encontrou uma senhora que lhe disse que no alto da Pedra dos Dois Olhos, localizada em Fradinhos, também no município de Vitória, era possível encontrar um objeto muito valioso que poderia ajudar a curar seus pais. Porém, essa senhora avisou que a pedra era cercada de mistérios, que quem subia a trilha da pedra em busca do objeto ouvia gritos de terror, pedidos de socorro vindos da mata e nunca mais era visto por ninguém. A jovem voltou para casa apavorada e foi dormir pensando em como iria conseguir aquele objeto.

Vitória decidiu ir até lá e buscar o objeto que poderia ajudá-la a curar seus pais. E aqui começa sua aventura!

Logo pela manhã, a menina se preparou para longos dias de subida. Juntou alimentos, roupas limpas e seu colar de crucifixo que foi dado a ela pelos pais quando pequena. Sempre que ela sentia medo, segurava seu crucifixo e rezava, lembrando das palavras carinhosas de seus pais. Vitória deixou também tudo organizado em casa para que seus irmãos pudessem se cuidar nos dias em que estaria ausente. Despediu-se de todos com muito carinho e começou sua jornada.

A menina subiu lentamente, observando cada detalhe do caminho, desde as formigas até as grandes montanhas. Durante sua caminhada diurna tudo parecia fácil e tranquilo; porém, ao anoitecer, ela sentiu um grande frio na barriga ao ouvir os estranhos barulhos da mata. Ela falava para si mesma: “eu estou quase lá, vou conseguir!”

A noite foi chegando e o cenário mudou completamente... Ela passou a ouvir uivos de lobos e rugidos de urso. Vitória pensou em voltar e desistir; mas, ao lembrar de seus pais e do motivo para estar ali, criava forças quem nem mesmo ela imaginava ter. Sempre que estava com medo, segurava no crucifixo e sentia seu coração acolhido.

Foi aí então que, ao avistar o pico da montanha, se distraiu e acabou caindo em um imenso buraco. A queda foi tão forte que ela acabou desmaiando. Ao abrir os olhos, viu

um enorme animal, que nem sequer tinha nome, pois parecia um urso, tinha garras de onça, um corpo maior do que de um elefante, um rugido que arrepiava e parecia estar prestes a devorá-la. O bicho se aproximou dela com a boca salivando, suas garras estavam a um centímetro de Vitória. Ela fechou os olhos e deu um longo e alto grito, segurando bem forte no crucifixo e falou: "nada pode me vencer!"

Assim que gritou, tudo escureceu. Ela abriu os olhos assustada e percebeu que estava em seu quarto, que tudo tinha sido um pesadelo. Levantou-se, foi ao quarto dos seus pais e irmãos e viu que estavam bem e dormindo. Ainda muito nervosa, mas com sentimento de alegria, voltou para o quarto, segurou seu colar crucifixo e percebeu que a verdadeira solução dos problemas sempre esteve dentro dela: o grande amor que a fez vencer seus medos e superar sua fragilidade e insegurança. A resposta para todos as dificuldades pelas quais podemos passar sempre estará em nosso coração.

E aqui a nossa história termina...ou... pode estar só começando!





Julia Muzzi Cabral

Daniela Andrade Padilha

Maya Zortéa Carneiro



## O TEATRO DA MORTE

O ano era 1937. O dia estava nublado, mas ainda não chovia e, mais uma vez, o teatro Carlos Gomes iria abrir suas cortinas. Na pequena cidade de Vitória, o grande assunto era a peça de teatro. Todos da cidade já tinham programação para aquela noite: assistir à peça que ganharia vida no centro da capital.

Finalmente, o barulho do grande sino da igreja informou a todos os moradores do horário. Era hora da tão esperada peça, a ansiedade atacava como nunca, dando ânimo para as pessoas deixarem suas casas rumo à grande atração daquela noite, mesmo com uma forte chuva que começava a cair.

De longe, as grandes paredes do teatro eram quase completamente apagadas pela chuva que cada vez mais aumentava a sua fúria. Porém, ao se aproximar da casa era possível ver as maravilhosas paredes amarelas, deslumbrar cada detalhe dos janelões, analisar e se surpreender com as incríveis e chamativas esculturas que enfeitavam com grande estilo o topo da fachada.

Os três grandes portões da frente não suportavam o frenesi e a inquietude das pessoas, sendo quase irreconhecível alguém em meio a tanto agito.

Porém, quando se ultrapassavam os portais de entrada, o tumulto silenciava, a inquietude parecia acabar, era possível analisar as magníficas escadarias chamativas que levavam até o teatro onde havia grandes paredes que não pareciam ter fim. Havia também os camarotes que abrigavam com grande estilo os nobres, as cadeiras eram um preto obscuro. Finalmente, no meio, no centro, encoberto por uma grande cortina, vermelho sangue de veludo, estava o palco da grande atração.

Aos poucos, todas as pessoas entraram e se sentaram em seus devidos lugares, as portas se fecharam, as luzes foram apagadas, a cortina se abriu. Era chegada a hora da tão aguardada peça ganhar vida! Uma única luz se acendeu em direção ao palco dando destaque a um personagem mal-encarado que vinha entrando em um palco caracterizado de cemitério.

Desde quando comprou o ingresso, o público já sabia que se tratava de uma peça de terror, então seria comum esperar por sustos e barulhos estranhos. Porém parecia que, ao invés da peça ganhar vida no palco, ela estava vivendo fora dele, já que cada barulho feito pelos atores era replicado na realidade, como um grito dado por uma atriz, que também ocorreu do lado de fora do teatro. Isso aconteceu várias vezes, de forma que assustou o público e o elenco.

Os barulhos eram cada vez mais altos, até que a única luz acesa se apagou repentinamente, dando um grande susto nas pessoas do teatro. A porta foi aberta em um solavanco, aterrorizando mais ainda a quem o desespero já dominara e apavorando quem ainda mantinha a calma.

Foi uma noite de terror para quem foi se divertir assistindo ao que se esperava ser uma simples peça. Porém, ao contrário do que o público e o elenco esperavam, aquela peça estava amaldiçoada, não pela história que seria contada, mas sim porque, naquela noite, completavam-se dez anos do episódio em que uma atriz, ninguém sabia direito como, sofreu um acidente naquele palco e acabou morrendo em plena peça. Essa atriz havia voltado para amaldiçoar quem vivo ainda estava.

Ela queria vingança contra o responsável por sua morte e também contra todos os que continuaram frequentando o lugar.

Dizem que várias pessoas que estavam no teatro, naquela noite, conseguiram fugir do atentado, mas muitas outras desapareceram sem deixar rastros.







## SAPATILHAS EM CHAMAS

“Diga! O que exatamente a senhora vem sentindo desde que contraiu a doença?”

“Eu me sinto indisposta, desidratada, pálida. Parece que me falta energia para realizar até meus afazeres diários! No início, eu achei que fosse só cansaço de pós-espetáculo, mas esse mal-estar não passa de jeito nenhum!”

“Espetáculo? Conte-me mais.”

“É, um número de balé daquela bailarina famosa, Anastasia Hill. Que Menina mais graciosa naquelas sapatilhas! O número que vi foi “O Lago dos Cisnes”, no Teatro Carlos Gomes. Por falar nisso, você já a viu dançar? Ela deveria ganhar um prêmio! Ah, e você sabia que...”

“Obrigado Sra. Charlotte, mas acredito que consegui o que precisava. A senhora está dispensada.”

Mais uma entusiasta pela dança. Isso já estava ficando suspeito. Meu nome é José, sou o melhor detetive de Vitória. Bem, pelo menos é o que eu queria ser, mas todos os casos que caíam na minha mesa pareciam ridiculamente ordinários. Menos este. Finalmente me via frente a um desafio digno de minha astúcia.

Há umas duas semanas, o caos vinha se instalando em Vitória com a chegada de uma nova doença nunca vista antes. Todos os dias, os prontos socorros lotavam, sempre com a mesma queixa. Os sintomas? Sempre os mesmos: um sentimento de indisposição repentino acompanhado de palidez e emagrecimento. Mas o que ninguém parecia notar é que, pouco antes desse problema, algo mais havia acontecido. Anastasia Hill, uma verdadeira estrela do balé em ascensão, acabara de chegar à cidade. Coincidência? Acho que não.

Todo o meu universo estava girando em torno disso. As investigações começaram normalmente; mas, a cada entrevista, o meu bloco de notas crescia e com ele, as minhas dúvidas. Cada interrogado possuía uma vida tão distinta da dos demais que a minha cabeça já estava dando um nó!

Eram sete horas da noite de um domingo e já fazia uma hora que o movimento na rua não cessava. De início, pensei ser só mais umas das noites badaladas da Rua 7 de Setembro, mas com uma olhada descontraída, consegui ver o fluxo do movimento pela greta da minha janela e, subitamente, tudo parecia fazer sentido. O Teatro Carlos Gomes! Fazia tanto tempo que eu não saía que nem me dei conta: o terceiro espetáculo de Anastasia era hoje! Rapidamente, mergulhei de volta em minhas pesquisas, minha mente como um turbilhão. Revisei cada entrevista e estava claro: cada doente, cada entrevistado, ligados pelo fio da dança em meio a vidas tão diferentes!

No dia seguinte, dei uma olhada no jornal. Na manchete, uma frase perturbadora: “Crítico morre após contrair doença”. De acordo com a notícia, o espetáculo de balé tinha transcorrido muito bem e recebido rigorosos aplausos. Augusto, o mais excêntrico crítico das artes, estava presente e foi parabenizar a jovem bailarina ao final. Porém, todos os comentários positivos sobre a performance foram ofuscados pela cena desenrolada nas coxias: o tão renomado crítico estava morto atrás do palco.

Minhas fontes me informaram que, novamente, o padrão se repetia: rios e rios de doentes procurando ajuda no dia seguinte à performance da bailarina. Estava na hora de investigar mais fundo. Mas a questão era como?

Decidi resgatar todos os documentos relacionados ao crítico e aos espetáculos de balé para analisá-los. Em meio a toda a papelada, alcancei uma ficha e decidi examiná-la. Surpreendentemente, era o histórico criminal de Augusto, com um único, porém perturbador, crime.

Aparentemente, o crítico estava ligado a uma lista de suspeitos de uma sabotagem abafada: o incêndio do teatro Mel Pomene. De acordo com o papel, Augusto e mais uns comparsas haviam planejado o incêndio, matando uma bailarina com quem possuíam desavenças. As últimas palavras dela ficaram cravadas em minha mente assim que as li: “Quando eu voltar, quero vê-los provarem do meu veneno”.

Lembrei-me de que Augusto sempre andava com Monteiro Silva, um português problemático, com um histórico médico maior que a lista do Papai Noel. Sabia que não teria muito tempo para investigá-lo, teria que confrontá-lo imediatamente. Num ato impulsionado pelo desespero, só pude pensar em uma solução: comprar um ingresso para a última apresentação de Anastasia em Vitória e rezar para encontrar esse homem lá. Eu tinha todos os dados que precisava e o resumo mais didático e curto que o indicava como transportador da tal doença misteriosa.

E então, chegara o grande dia.

Eram exatamente 20 horas quando se deu início o espetáculo e, sinceramente, eu poderia me distrair do foco de minha ida facilmente. Cada salto que Anastasia dava parecia se encher de vigor ao longo do número. Seu corpo fluía como um véu ao vento, enquanto seus olhos azuis enchiam o palco de graça, uma serenidade tão plena que pairava no ar. Ao fim, o belo cisne branco parou em sua pose final. A sala explodiu em emoção e, enfim, me dei conta de que deveria abordar o Sr. Silva.

Porém, antes que eu pudesse dar um passo, uma dor aniquiladora em meu peito me derrubou. Caí no chão cambaleando e, antes que pudesse me dar conta do que estava acontecendo, vi minha figura, repentinamente esquelética, refletida num dos espelhos do teatro e todos os outros espectadores também foram ao chão subitamente, seus corpos já privados de vida.

Com o pouco de consciência que ainda tinha, vi uma macabra figura fantasmagórica imergindo no lugar de Anastasia. Subitamente, uma voz rouca ecoou em minha mente. “Aplausos, a motivação das maiores estrelas. Acho que eles só se esqueceram que estrelas também queimam, como me deixaram queimar nesse lugar há dez anos! Quem diria que agora os seus aplausos me cederiam a vida. Que o meu veneno arda em suas almas até o fim da eternidade, mas enquanto isso... que o show prossiga”.





## O MISTÉRIO DE UMA NOITE NO TEATRO

Bom, eu sempre fui muito cética em relação a histórias de fantasmas, espíritos e assombrações, porém mudei totalmente de opinião depois que algo um tanto sobrenatural ocorreu em minha presença. Gostaria agora de narrar uma história que mudou a minha vida para sempre.

Na época, eu tinha apenas treze anos e sonhava em ser atriz. Lembro-me perfeitamente das horas que passava assistindo a filmes, séries e espetáculos teatrais, imaginando-me no lugar da protagonista, cada vez mais ansiosa para subir naquele palco e ser coberta de aplausos e elogios. Mas foi exatamente essa ambição que, por um triz, não me levou à morte.

Certo dia, quando menos esperava, porém mais desejava, recebi um convite para apresentar no Teatro Carlos Gomes a peça "Sonho de uma noite de verão", escrita por William Shakespeare. Assim que terminei de ler o convite, eu fui correndo contar para minha mãe e pedir autorização para ir. Eu mal conseguia me conter de alegria e esperança, porém ao mesmo tempo sentia medo de não ser boa o bastante para desempenhar o meu papel.

Quando o grande dia da apresentação chegou, eu estava demasiadamente nervosa, por isso chamei minha melhor amiga, Dorat, para ir comigo ao teatro e me acalmar um pouco antes da peça. Nós duas estávamos no meu quarto nos arrumando, quando notei um comportamento esquisito vindo de Dorat. Ela estava inquieta e parecia tremer um pouco, mas cometi o grande erro de ignorá-la. Eu sabia que ela sempre é muito sensível a energias ruins e costumava sentir-se mal e se comportar de maneiras esquisitas quando algo de ruim estava para acontecer.

Quando Dorat e eu terminamos de nos arrumar, chamamos minha mãe para nos levar ao centro de Vitória, onde fica o Teatro Carlos Gomes. Assim que chegamos lá, minha mãe nos deixou na frente do teatro e foi embora, pois tinha compromisso e não poderia assistir à minha peça. Então ficamos eu e Dorat sozinhas. Quando virei para o lado para falar com Dorat, vi que ela estava pálida, tremendo e com uma expressão de horror em sua face, o que me assustou muito. Perguntei a ela se queria voltar para casa, mas me respondeu com uma voz que não parecia ser dela: "Não precisa se preocupar, eu estou ótima... Na verdade, estou melhor do que nunca!".

Depois disso, fui encontrar com os outros atores e Dorat foi para a plateia assistir à peça. Eu estava muito nervosa, porém quando subi no palco fui me acalmando. Mais ou menos na metade da peça, no meio de uma das minhas falas, ouvi um grito de terror vindo da plateia: "Socorro! Uma garota está desacordada!".

Olhei e vi que a garota era minha amiga Dorat. No mesmo momento, desci do palco e fui correndo em direção a ela. Lá estava Dorat, totalmente desacordada, seu corpo estava frio, porém ela ainda estava viva. Chamei uma ambulância para buscar Dorat, mas ainda estava muito preocupada com ela. De repente, senti como se eu estivesse ficando fraca e como se algo estivesse tomando controle de meu corpo, até desmaiar totalmente.

Quando acordei, percebi que estava no hospital. Minha mãe veio falar comigo e descobri que tinha ficado em coma por uns cinco dias. Ela disse também que eu tive sorte de sobreviver, mas que a Dorat não tinha tido a mesma sorte.

Entrei em pânico, mas depois que me acalmei perguntei para minha mãe o que tinha acontecido e ela disse que nem os médicos sabiam, mas que devia ser alguma energia negativa. Até hoje essa história permanece um completo mistério.





Ana Catarina Pinheiro Feu Rosa Augusto Peixoto Miguel Costa Pereira Liz Daroz Jabour Moulin



Ana Catarina Pinheiro Feu Rosa Augusto Peixoto Miguel Costa Pereira Liz Daroz Jabour Moulin

chegaram. Eles interromperam aquele clima tenso e, rapidamente, tiraram o adolescente inocente das mãos do sujeito mascarado e o levaram em direção ao senhor Álvaro. Fiquei aliviada, pois achei que iria perder André, mas o que eu realmente queria saber era quem estava por trás daquela máscara.

Os policiais logo correram atrás do homem, que estava tentando fugir, correndo pelo teatro e apontando sua arma em direção a eles. O invasor se dirigiu a saída do teatro na tentativa de fuga, mas não imaginava que havia outro policial ali. Enquanto ele estava sendo algemado, toda a plateia, que estava ali para assistir ao espetáculo (que acabou virando um show de horrores), foi para a saída do teatro para agradecer aos policiais e a mim que chamei ajuda.

O criminoso foi levado para a delegacia e todos foram para as suas casas, inclusive eu. Estava muito triste uma vez que só consegui assistir ao início do espetáculo por causa do ocorrido, mas a minha tristeza foi maior ainda quando cheguei em casa. Aquela sensação foi a pior da minha vida, estava muito decepcionada pois li na internet a notícia que aquele mascarado era a pessoa com quem convivi a minha vida toda: meu pai.

Fiquei perplexa, não conseguia acreditar que ele fez uma coisa daquela, precisava saber o porquê, então fui mais a fundo na notícia. Ela dizia que o criminoso buscava vingança por conta de um problema de trabalho. A notícia também trazia o depoimento do meu pai: “Há muitos anos, Álvaro era meu colega de trabalho, mas tinha inveja de mim porque eu sempre fui o mais inteligente. Um certo dia, decidimos comprar uma empresa de construção civil e assinei um contrato que Álvaro falou que, se eu assinasse, a empresa ia ser dividida igualmente, mas fui enganado. Ele fugiu para o Rio de Janeiro, fundou a empresa lá, decidiu fazer um curso de cinema, ficou rico e se tornou um famoso diretor”.

Essa é a história da última vez que vi meu pai, que acabou sendo assassinado no mesmo dia pelo senhor Álvaro.





## O SEGREDO NAS SOMBRAS

Era uma tarde ensolarada em Vitória, Espírito Santo, quando Gustavo Almeida, um adolescente brilhante e o melhor detetive da cidade, recebeu uma ligação urgente. Seus superiores informaram que “Cobra”, o chefe do tráfico de Vitória, estaria presente no evento anual de música do Palácio Sônia Cabral, planejando algum tipo de ataque. Era uma oportunidade única de capturá-lo, algo que tentavam há anos. Gustavo, sem pensar duas vezes, aceitou a missão.

Desde o momento em que Gustavo entrou no imponente Palácio Sônia Cabral, prestou atenção em todos os detalhes, porém não percebia nada de incomum. A apresentação começou, as luzes brilharam no palco, mas de repente a luz acabou, gerando muita confusão. Como resultado, uma mulher que estava ao lado do detetive teve sua bolsa roubada e um homem desmaiado, com a cabeça ensanguentada, veio a falecer.

O evento foi encerrado e, no dia seguinte, Gustavo voltou para investigar a área. Após um bom tempo de investigação, sem nenhum registro nas câmeras nem vestígios do acontecimento, ele decidiu conversar com uma das vítimas, a mulher que teve a bolsa roubada. Ela lhe passou a informação de que supostamente havia salas secretas atrás do palco.





Gustavo, após um longo tempo de procura, encontrou uma dessas salas, mas não achou o tão procurado Cobra. Havia apenas um funcionário chamado João, que alegou ter ficado preso enquanto limpava a parte de trás do palco. Mesmo assim, Gustavo o levou para interrogatório.

Durante o interrogatório, Gustavo não obteve nenhuma informação relevante e, então, liberou o funcionário, já que ele aparentava não ter envolvimento no crime. No entanto, optou por segui-lo para ver se conseguia algum dado novo.

Após a saída da delegacia, o detetive acompanhou João e observou que ele foi direto para o Palácio Sônia Cabral e entrou em uma sala secreta atrás do palco, diferente daquela onde ele alegou ter ficado preso. Lá dentro, Gustavo viu, pela fresta da porta, a mulher que teve a bolsa roubada, vários homens armados, além do tão procurado Cobra.

A uma certa distância, o detetive ficou ouvindo a conversa dos traficantes: João elogiava seu chefe, o Cobra, pelo plano bem-sucedido e, junto a ele, a mulher e os homens armados discutiam sobre o crime bem-organizado, revelando todo o plano.

O detetive Gustavo ficou sabendo que Cobra e seus comparsas estavam preocupados com o consultor que tinha uma solução para o tráfico na cidade de Vitória e que ele estava planejando apresentar suas ideias ao prefeito, o que poderia acabar com o esquema lucrativo dos traficantes. O consultor havia sido convidado para o evento cultural anual “Festival Verão Cultural” no Palácio Sônia Cabral e os criminosos viram nisso uma oportunidade de eliminá-lo.

Para garantir que o consultor estivesse ao alcance, Cobra manipulou os assentos do teatro, colocando a mulher assassina ao lado dele. O plano se baseava em dois comparsas como seguranças do Palácio para liberar a passagem da mulher, que portava uma chave inglesa na bolsa. Quando os homens, que fingiam ser seguranças, derrubaram a luz, ela aproveitou a distração para atingir o consultor ao lado dela. Após atingi-lo, ela jogou a bolsa e a chave inglesa para trás e um dos comparsas pegou os objetos e os escondeu. Além disso, o detetive descobriu que Cobra e os outros comparsas estavam na sala secreta para agir, caso algo desse errado. João ficara preso na outra sala secreta de propósito, como parte do plano, para que, quando investigado, pudesse alegar que não estava envolvido no crime. Isso desviaria a atenção do detetive e daria tempo para os criminosos escaparem.

Mas eles não contavam com a inteligência do detetive, que já havia chamado a polícia, e alguns minutos depois todos estavam sendo levados para a cadeia. Gustavo estava feliz por ter finalmente prendido o Cobra. Enquanto os traficantes estavam sendo presos, refletia sobre como um plano, mesmo o mais elaborado, se for para o mal, sempre será arruinado pela verdade.



## CRIMES NO APAGÃO

Erguia-se majestoso e imponente na Cidade Alta, em Vitória, no Espírito Santo, o Palácio Sônia Cabral. A belíssima construção do século XVII, de arquitetura neoclássica, recebia naquela noite chuvosa uma espetacular peça de teatro. Dentre os espectadores, estava o jovem Pedro, um garoto simpático e tranquilo que estava na faculdade e, em sua primeira visita ao palácio, acompanhava sua madrinha Clara, apaixonada por artes performáticas, para assistirem à peça juntos.

Ao adentrar a construção, Pedro ficou boquiaberto com a beleza arquitetônica do local. Como estudante de design, ele se encantou com as grandes colunas e com a fachada imponente e detalhada com um medalhão que representa o estado do Espírito Santo, além da coloração marcante amarelada com adereços de cor branca que se destacava no meio da paisagem urbana. A complexidade da construção, com seus incontáveis detalhes no exterior e interior, o hipnotizava. No caminho para o teatro de 206 lugares, sua atenção estava totalmente voltada para a delicada arquitetura do Palácio Sônia Cabral.

Pedro sentou-se em seu lugar, Clara se sentou à sua direita e todos receberam as instruções de que seus pertences deveriam ser colocados abaixo de seus assentos. Logo depois, a peça começou e, num momento em que ambos já estavam imersos e absorvidos pela trama, todas as luzes do local repentinamente se apagaram. Houve tumulto na plateia, com alguns barulhos não identificados, pessoas se movendo desordenadamente e muitos gritos. Após a volta das luzes, Pedro instantaneamente



percebeu que algo de muito estranho havia acontecido à sua volta.

Clara, que estava em sua direita, havia entrado em estado de pânico, procurando freneticamente por sua bolsa, que misteriosamente desaparecera. Pedro observava traumatizado a cena pavorosa à sua esquerda. O corpo de um homem adulto estava caído ao chão, juntamente com seu boné, com a cabeça toda ensanguentada, com um grande corte que parecia feito por uma faca. O jovem imediatamente gritou pela ajuda dos seguranças presentes ali.

A polícia foi acionada e logo chegou ao local pelos fundos. O jovem e sua madrinha foram convocados para prestar depoimento, enquanto paramédicos chegavam para cuidar do homem ferido. Clara dizia estar inconsolável pela perda de sua bolsa, onde estavam seus pertences pessoais.

Investigações foram iniciadas e logo descobriram que a causa do apagão era um defeito incomum na rede elétrica de toda a construção. No entanto, para os policiais, o homem ferido e o desaparecimento da bolsa aparentavam ser mais do que apenas acontecimentos isolados.

Após uma minuciosa investigação, com checagem de câmeras de segurança e observação cuidadosa do comportamento de todos os presentes no teatro, o crime permaneceu sem solução, pois como as luzes haviam se apagado, as câmeras foram inúteis e ninguém poderia provar nada. Todos aqueles que foram roubados e ficaram feridos foram convocados para prestar depoimento, porém ninguém tinha nenhuma informação. Após horas de investigação fracassada, Pedro e Clara decidiram sair do local e voltar para casa.

- Arrasamos nessa! Missão efetuada com sucesso! A próxima parada é o Teatro Carlos Gomes, não é Clara? - disse Pedro.

- É sim. Vamos montar um plano diferente para conseguir roubar no local também. - concordou Clara.

Na verdade, Pedro e Clara, juntamente com o homem machucado, que se identificava como Rafael, faziam parte de um esquema de roubo de pertences pessoais em eventos culturais, em que cada um recebia uma devida função. Um colaborador disfarçado de segurança causava o curto-circuito propositalmente, enquanto alguns cúmplices, vestidos como espectadores, roubavam os pertences daqueles ao seu redor. Para distração, Rafael, que já estava pronto, fingia o machucado que havia sido feito com sangue falso e um tipo de maquiagem que ele carregava em seu boné. Clara foi vítima do furto da bolsa e Pedro chamou alguns seguranças específicos, que eram atores contratados e pagos para trancarem as portas, orientar aos atores que deixassem o palco e ordenarem a todos que mantivessem a calma. O público sempre desobedecia e se levantava para ajudar enquanto os disfarçados ficavam sentados, sorrateiramente furtando os bens daqueles que se levantavam.



**Maria Eduarda Bassetto Prest**

**João Vitor Giuberti Coradini**

**Marina da Rosa Broetto**



## O RECADO

A cidade de Vitória estava coberta por uma neblina densa, como se tentasse esconder algo que se desenrolava nas ruas escuras e também os mistérios que estavam por vir. Apesar disso, acontecia no teatro Carlos Gomes a primeira apresentação do concerto Candlelight, organizado por Pedro Castellani, com a presença da violinista Maria Fioravanti. Nessa mesma noite, ocorria algo um tanto curioso no Palácio Anchieta: o quadro de um dos ex-governadores do Espírito Santo, Albuíno Cunha de Azeredo, era roubado.

A policial Carolina Darico foi acionada e chegou imediatamente à cena do crime para começar sua investigação. Sem muitas pistas evidentes, resolveu abordar a plateia do concerto, pois o teatro era o local de maior movimentação próximo de onde havia ocorrido o roubo, portanto as pessoas poderiam ter notado algo suspeito na região. Em sua apuração, ela descobriu que havia um rumor de que, supostamente, uma tela de alto valor de Vincent Van Gogh estava escondida há muitos anos dentro do quadro roubado, o que poderia ter motivado o criminoso.

Já era madrugada, mas Carolina continuou suas investigações pelo centro de Vitória, pela Catedral, no Palácio da Cultura Sonia Cabral e, por fim, desceu sem expectativas pela escadaria Maria Ortiz. Para sua surpresa, encontrou lá o quadro que havia sido roubado. Ele estava abandonado e quebrado. Dentro dele, observou que havia uma pintura assinada não por Vicent Van Gogh, mas por um artista capixaba. Em seu verso estava escrito: "A cultura está acima da diferença da condição social. Sem a cultura, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. Por isso, espalhei o boato da tela de Van Gogh, para enfatizar a falta da valorização dos artistas capixabas, e um deles sou eu. Hoje, minha alma está afundando no Pântano do Desânimo\*, porém, ao invés de afundar apenas no peso dos meus pecados, estou afundando também sob o peso da desvalorização do meu trabalho."

A policial ficou impactada e sensibilizada. Levou a pintura para a delegacia e chamou uma jornalista para publicar a história. Não demorou muito e todos os jornais do estado reproduziram o recado.

Na noite posterior ao roubo, no teatro Carlos Gomes, enquanto esperavam pela segunda apresentação do Candlelight, todos comentavam sobre o recado transmitido por meio das reportagens. Nos bastidores, Maria Fioravanti e Pedro Castellani conversavam sobre algumas obras feitas pelo pai de Pedro, que era um artista capixaba, e como elas deveriam ter sido mais valorizadas. Por serem amigos de longa data, ele acabou se abrindo com a violinista e contou que o famoso recado dos jornais era um trecho escrito em um diário de seu pai. Sob o olhar atento da amiga, ele acabou confessando que havia ajudado a espalhar o boato da obra de Van Gogh, pois seria uma maneira de incentivar o roubo de tal quadro e, assim, transmitir o recado escrito atrás da pintura.

O que eles não podiam imaginar era que estavam sendo observados bem de perto por uma figura na escuridão dos bastidores do teatro. O ladrão do quadro, que estava escondido no camarim, escutou toda a história e, movido pela raiva de ter sido enganado, assassinou friamente Pedro Castellani a tiros. Em seguida, tirou também a vida de sua única testemunha.

Todo o público ficou desesperado com o barulho dos tiros consecutivos e acabou acionando imediatamente a policial Carolina Darico. Quando ela e sua equipe chegaram ao camarim, a chuva batia no vidro da janela. Ela encarava a cena do crime, sabendo que cada gota era testemunha silenciosa do que havia acontecido ali. Os olhos vazios das vítimas a encaravam, desafiando-a a encontrar quem tinha roubado sua última respiração.

Ao observar as câmeras do local, finalmente conseguiu localizar o ladrão e assassino, pois desta vez as imagens das câmeras estavam mais nítidas do que as do Palácio.

Assim, ao ser questionado sobre o motivo de ter se escondido no camarim, o homem explicou que depois que descobriu que a história da pintura de Van Gogh era uma mentira suspeitou que Pedro Castellani havia espalhado o boato, por conta de seu parentesco com o autor da tela, evidenciado pelo mesmo sobrenome.

O desfecho do crime foi parar em todos os portais de notícias, ganhando repercussão nacional. Junto com o relato da triste violência, a falta de valorização dos artistas locais ganhou a internet. Por meio de pressão popular e incentivo governamental, foi criada uma exposição permanente, mas com rotatividade de obras de pintores capixabas no Museu de Arte do Espírito Santo (Maes), no Centro de Vitória. Essa exposição tinha uma única condição: a única obra que não sairia de cena era a que iniciou toda essa história.

\*Referência à obra "O peregrino: a viagem do cristão à cidade celestial", publicado em 1678 pelo pastor inglês John Bunyan. Nessa alegoria, o Pântano do Desânimo é um lugar onde o protagonista afunda sob o peso de seus pecados





## INTRIGAS E ASSASSINATOS: O DETETIVE CARDOSO E O ESCÂNDALO CAPIXABA

A data era dez de setembro de mil novecentos e cinquenta e, há três dias, um crime emblemático chocava o Espírito Santo.

Na manhã do dia oito, após as festividades do aniversário da Independência do Brasil, três corpos esfaqueados e enforcados foram encontrados nos fundos do Teatro Glória. Nada se sabia sobre o crime e parecia não haver solução para ele. Os suspeitos foram avistados, porém fugiram sem dificuldades. O Estado, pacato e pequeno como era, assombrava-se com tamanha barbaridade. O crime já havia chegado aos ouvidos do governador Lindenberg, que prometeu resolvê-lo.

Em meio ao desespero da população, desembarcara no porto de Vitória, retornando de uma viagem à França, o renomado detetive capixaba Jorge Cardoso. Ele era um homem solteiro, sem filhos e socialmente inativo. Alguns o chamariam de metódico, pois possuía obsessões com as menores coisas.

Em seu desembarque no porto de Vitória esses “toques” já se fizeram notar. Ao contemplar a beleza do Palácio Anchieta, ficava perturbado pois o espaçamento entre as janelas do lado esquerdo era centímetros maior em relação às do lado direito. Jorge era um homem viajado, encontrava nas imperfeições de Vitória a sua grande beleza.

Diferentemente do normal, a névoa cobria o ar capixaba e o vento gelado sussurrava seu balbuciar inaudível. Inadvertidamente, surgiu um homem de meia idade. Tratava-se do delegado Silveira, responsável pela elucidação dos homicídios na cidade. Ele abordou o detetive e pediu para que o acompanhasse até a delegacia próxima à escadaria Maria Ortiz. Lá, Jorge foi informado do crime e pediram-no, em nome do governo estadual, para resolvê-lo.

Na delegacia, o detetive reencontrou muitos colegas. Conheceu também uma figura nova, Alexandre Costa, médico legista da polícia. Jorge teve dificuldade para conseguir informações sobre o caso.

Após passar a noite fazendo uma análise meticulosa dos dados que recebeu, Cardoso notou que os assassinatos só poderiam ter sido feitos por alguém com conhecimento técnico. O enforcamento era um trabalho profissional, feito para matar, as facadas atingiam órgãos vitais de maneira cirúrgica.

No dia seguinte, Jorge foi até o teatro Glória. Lá, viu restos de marcas de sangue que pareciam ter sido limpas às pressas. Estranhamente o detetive não havia sido informado de tais marcas. Elas revelaram que o crime havia ocorrido na praça Costa Pereira, mas o teatro era mais discreto para ocultar os corpos.

Jorge decidiu ir até a casa das vítimas e lá encontrou documentos comprovando um esquema de corrupção envolvendo Silveira e membros da Elite.

Pediu às autoridades estaduais a lista dos participantes das festividades do dia da independência e interrogou muitos. O detetive identificou padrões nos depoimentos, tais como a presença de dois homens misteriosos que estavam sempre por perto dos locais das festividades e nas proximidades do teatro Glória.

O detetive Jorge, então, iniciou operações disfarçadas de vigilância na cidade. Em uma delas, próximo ao porto, na praça Francisco Teixeira da Cruz, encontrou dois homens encapuzados. Ele os seguiu pela cidade até um casarão abandonado na rua sete. Pouco tempo depois, eles saíram e se separaram, mas ao tirarem o capuz, o detetive viu: as figuras se tratavam de Alexandre Costa e do delegado Silveira.

Após a saída dos dois, Cardoso entrou no casarão e encontrou objetos que os ligavam diretamente aos assassinatos – inclusive uma faca ensanguentada. O detetive foi imediatamente até o Palácio Sonia Cabral solicitar uma audiência com os deputados, o governador e os suspeitos. Na audiência, Cardoso revelou os dois como assassinos; disse que o esfaqueamento e o enforcamento haviam sido feitos por especialistas. E que especialistas seriam melhores que um policial, com a força bruta, e um médico, que sabia localizar os órgãos vitais das vítimas para as facadas.

O delegado negou as acusações, porém, no local do crime havia sangue que não pertencia às vítimas, sangue esse proveniente de alguma luta corporal. Todos viram que o delegado havia sido atingido no calcanhar por uma das vítimas. Já Alexandre Costa confessou o crime e implorou por perdão. Durante sua fala, ele disse que Silveira havia ameaçado sua família e o obrigou a apoiá-lo.

Por fim, o detetive revelou a causa do assassinato. As vítimas foram executadas, pois os envolvidos e os mandantes do escândalo de corrupção descobriram que os três iriam revelar o esquema no dia seguinte às festividades da Independência. Por essa razão, pagaram o delegado para que ele assassinasse e encobrisse o caso.

O escândalo se tratava de uma operação comandada pela elite envolvendo lavagem de dinheiro, desvio de verbas públicas, sonegação fiscal e fraudes nas licitações. Silveira era somente mais um peão no perverso jogo de xadrez da corrupção.

Com a resolução do crime, a calma retornou à cidade de Vitória. O governador Lindenberg cumpriu sua promessa de trazer justiça prendendo os envolvidos no escândalo e Jorge Cardoso, mais uma vez, provou ser um detetive de habilidades incomparáveis. A cidade, embora abalada, encontrou conforto na resolução do caso e, Jorge, satisfeito com seu trabalho, retomou sua vida pacata, sempre atento aos detalhes que faziam de Vitória um lugar único para ele.







## CENTRO DA TEIA

Era uma quarta-feira qualquer, no Centro de Vitória e, por volta de 23:30, alguém vagava na praça Costa Pereira. De repente, um tiro rompeu o silêncio. O homem foi declarado como assassinado.

No dia seguinte, os detetives Gilbert e Melina Parton – casal famoso por solucionar crimes - assumiram a investigação. Eles encontraram na cena do crime, junto ao corpo, um papel, que continha a seguinte mensagem: “André Carloni TCG”.

Gilbert não fazia ideia do que aquilo significava, mas Melina conhecia aquele nome. Ela pesquisou rapidamente e descobriu que...

- É isso! André Carloni foi um arquiteto que projetou o Palácio da Cultura Sônia Cabral e...

- E o quê? - perguntou Gilbert.

- E o Teatro Carlos Gomes! A sigla TCG. - retrucou Melina.

- O Teatro não fica longe daqui, parece que a vítima estava a caminho quando foi baleada. - disse Gilbert – Vamos lá!

Quando o casal chegou ao teatro encontraram um homem suspeito, de nenhuma palavra, Sebastian, para o qual o detetive entregou o papel. O homem se afastou e pouco tempo depois retornou com um outro envelope. Ao abrir, encontraram um outro bilhete: “Neste Estado, a CADA passo uma romaRIA”.

Gilbert ficou confuso com o bilhete, porém Melina logo entendeu que era um enigma:

- A sigla do nosso Estado “ES” juntando com as letras maiúsculas “CADA” e “RIA” formam “ESCADARIA”.

- O que significa “ESCADARIA”? – resmungou Gilbert.

- São locais bem famosos aqui no Centro de Vitória. – disse Sebastian, pela primeira vez.

- E onde seriam esses locais? – Melina perguntou.

- Aqui no Centro há 4 escadarias: São Diogo, Maria Ortiz, Bárbara Lindenberg e Cleto Nunes. - respondeu o homem.

Como estava tarde, o casal decidiu descansar e continuar no dia seguinte.

Às 23:30, ouviu-se um tiro. Desta vez o barulho veio do teatro.

Os policiais e os detetives, assim que souberam, foram depressa ao local e, quando viram a vítima, ficaram boquiabertos: Sebastian. Eles tinham chegado tarde, o corpo já estava sem vida. O Prefeito Charles havia sido o primeiro a chegar e tentava acalmar a situação e confortar os moradores. Logo chegou a imprensa, pontuando que era a segunda morte sem explicação em dois dias.

No dia seguinte, Gilbert e Melina foram visitar as quatro escadarias. Eles começaram pela Cleto Nunes e depois foram para a São Diogo, porém não encontraram nada especial. A detetive releu a pista e percebeu que nela havia a palavra “Maria” sublinhada. Ela, automaticamente, relacionou à escadaria Maria Ortiz. O casal foi diretamente para o local e aprenderam um pouco sobre essa heroína histórica. Lá, encontraram outro indivíduo que lhes deu a seguinte mensagem: “Tenho torres que tocam o céu e vitrais que contam histórias. Sou a noiva d’Ele”.

Os detetives logo chegaram à conclusão de que a resposta era igreja, porém havia várias igrejas na região, então correram para a mais próxima, A Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Vitória. Lá no final, sentado na última fila, estava um rapaz, que se apresentou como Fred, mas não deu nenhuma informação, apenas avisou para voltarem à igreja no dia seguinte quando fosse bem tarde da noite. Como já estava escuro, e as ruas pouco iluminadas, o casal optou por continuar no próximo dia.

Entretanto, novamente às 23:30, ouviu-se mais um tiro. Dessa vez, ocorreu na Escadaria Maria Ortiz, onde os policiais e os detetives encontraram uma nova vítima. Para surpresa do casal, era o homem que lhes tinha dado a pista mais cedo naquele dia na escadaria. Gilbert então percebeu:

- Todas as mortes ocorreram em locais que nós já vimos, começando na Praça Costa Pereira, o Teatro, e a Escadaria.

- E nós sabemos onde será a próxima morte. – retrucou Melina.

No dia seguinte, exatamente às 23:25, os policiais e os detetives estavam de tocaia na Catedral, esperando pelo suposto assassino. De repente, entrou alguém e se sentou na primeira cadeira, era Fred. Pontualmente às 23:30, o sino da Catedral badalou. Nesse momento, entrou outro homem, que sacou uma arma de seu sobretudo. Os policiais agiram rapidamente e conseguiram detê-lo antes que efetuasse o disparo. Assim que a operação acabou, o casal foi ver quem era o homem e, entristecidos identificaram o prefeito.

- Como assim o prefeito? O que ele tem a ver com isso? - perguntou Gilbert.

- O Centro de Vitória atualmente está pouco frequentado e bastante desvalorizado! Eu queria colocar o Centro em evidência, então usei a morte para ressuscitar o que estava morto. - confessou, Charles, revoltado.

E foi assim que os detetives Parton resolveram aquela teia de mortes e enigmas. Charles foi preso e o novo prefeito investiu em segurança, deixando as pessoas mais confiantes para visitarem o Centro de Vitória, especialmente os locais onde ocorreram os assassinatos, reativando o turismo na capital.





Isadora Brunow Costa Pedra

Pedro Mello Guimarães

Barbara Brandão Soares



## MEMÓRIAS VIVAS: O LEGADO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DOS VALORES

De acordo com o sociólogo Michael Pollak, “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. A partir disso, percebe-se que, através da memória, é possível relembrar eventos significativos e histórias que foram transmitidas para a sociedade ao longo do tempo, proporcionando um senso de pertencimento e continuidade. Assim, a compreensão dessa dinâmica é fundamental para valorizar a preservação do patrimônio cultural, que, além de fortalecer a identidade individual e coletiva, também promove o respeito pela diversidade cultural. Sob esse prisma, é imprescindível compreender o papel do patrimônio cultural na construção da identidade e analisar a relação entre a memória e o autoconceito.

Nessa linha de raciocínio, o patrimônio cultural serve como alicerce sobre o qual as identidades individuais e coletivas são construídas, uma vez que engloba elementos que são transmitidos de geração em geração, como monumentos, tradições, línguas e costumes que ajudam a moldar a identidade cultural de uma sociedade. Desse modo, é preciso compreender que a preservação e valorização do patrimônio fortalecem o senso de pertencimento, além de promoverem o respeito pela diversidade cultural. A manutenção desses elementos permite que as futuras gerações tenham acesso à riqueza cultural de seus antecessores, contribuindo para a continuidade das tradições e a educação cultural. Além disso, a valorização do patrimônio cultural pode impulsionar o turismo e a economia local, criando oportunidades de emprego e desenvolvimento sustentável.

Ademais, a memória não apenas registra eventos, mas também sustenta a essência das pessoas, já que é através dela que os indivíduos relembram experiências passadas, aprendizagens e emoções. A partir dessas lembranças, é possível construir o autoconceito, que influencia as crenças, os valores e os comportamentos, como memórias de infância e histórias contadas pelos avós. Assim, ao relembrar momentos significativos, há um fortalecimento da história pessoal, sendo permitido integrar experiências passadas na vida atual e futura. Tais memórias servem como guias morais e emocionais, ajudando os indivíduos a enfrentarem desafios presentes com base em lições aprendidas no passado.

Portanto, é determinante que o governo promova atividades que conectem os moradores de uma região às suas raízes culturais e históricas, oferecendo tours guiados por historiadores ou especialistas locais, além de oficinas em que os participantes possam aprender sobre a culinária típica, músicas regionais e outras práticas culturais. Certamente, tais atividades não apenas educarão os moradores sobre sua herança cultural, mas também irão fomentar o turismo cultural, atraindo visitantes interessados na história e nas tradições locais. Tais programas podem fortalecer a economia local, gerando oportunidades de emprego e renda para os moradores. Com a concretização dessas realizações, espera-se por uma sociedade mais unida e com um maior conhecimento sobre a comunidade em que residem.



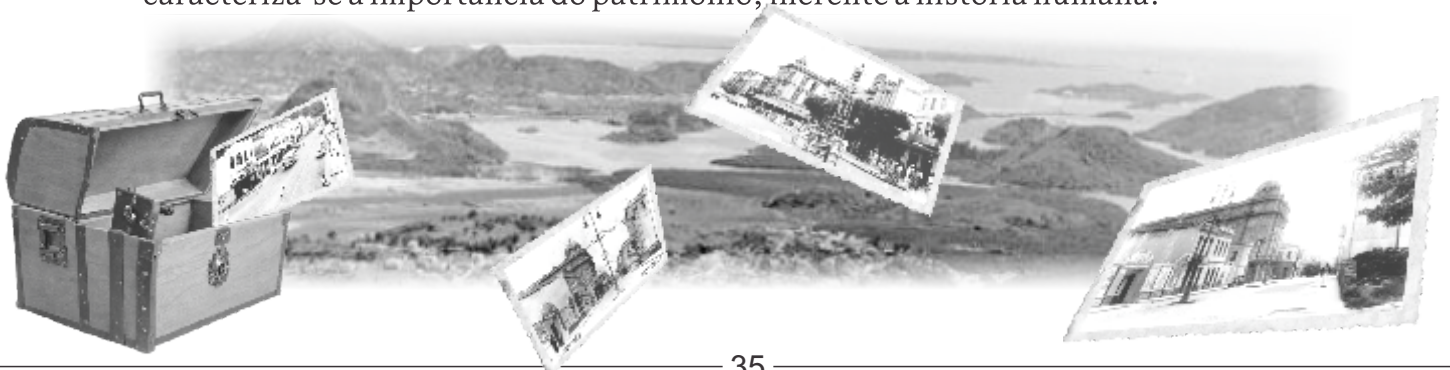


A partir da fala do filósofo britânico David Hume, que defende que “a memória não tanto produz, mas revela a identidade pessoal”, depreende-se que o patrimônio histórico-cultural, como memorial, caracteriza-se de extrema importância à formação da identidade da sociedade em que está inserido. Assim, explicita-se o fato de que o patrimônio reflete a identidade de um povo, contando sua história. Além disso, nota-se que este configura-se como um símbolo a seu contexto social, que enxerga nele sua identidade. A partir disso, desenvolve-se, então, a importância do patrimônio a um povo, sustentando-se nesses pilares.

Segundo a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1972, “O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”. Nesse sentido, é indubitável a percepção da importância do patrimônio à sociedade em que está inserido, demonstrando e retratando a cultura e costumes dela. Dessa forma, entende-se que o patrimônio, seja ele material ou imaterial, é fruto das relações humanas em sua forma mais simbólica, sendo imprescindível à vivência e à convivência. Ele, então, desempenha um papel de baú, uma representação concreta que guarda as memórias e a história da sociedade. Assim, nota-se que o patrimônio representa a identidade de um povo, que conta sua história através dele.

Ademais, nesse contexto, é inegável que o sujeito se vê propício a refletir sua identidade, valores e costumes em algo. Com isso, verifica-se que ele encontra, em seu patrimônio, um arquivo que o simboliza, mesmo diante do passar de anos e das mais diversas mudanças. Isso ocorre, visto que o patrimônio se mostra intacto a reestruturações externas, acumulando a história do sujeito ao qual pertence. Em uma relação de causa e efeito, o sujeito, ao enxergar o patrimônio como seu espelho, passa a desfrutar mais de seu acervo, além de contribuir com ele, configurando um efeito de “bola de neve”, em que gerações alimentam ciclicamente a história contida em seu patrimônio e se apropriam cada vez mais de sua própria cultura. Dessa forma, ressalta-se a atemporalidade do patrimônio, ficando novamente evidente sua representatividade à sociedade.

Retomando a fala supracitada de Hume, conclui-se, então, a identidade social contida no patrimônio, que caracteriza o contexto em que está inserido de forma altamente simbólica, guardando e colecionando memórias e histórias de um povo de modo atemporal. Nessa perspectiva, o sujeito, enquanto membro da sociedade provida do patrimônio, vê sua identidade histórico-cultural refletida neste, agindo, em última análise, como um vasto acervo, contando a história de um povo. Assim sendo, caracteriza-se a importância do patrimônio, inerente à história humana.





## A IDENTIDADE DA HISTÓRIA

A memória é a alma da sociedade e da identidade do indivíduo. De início, o patrimônio material já se revela o reflexo do passado, um elo entre as lembranças e o momento, o portador da história de um povo. Porém, essas construções também podem influenciar o que será o mundo, afinal, o passado, o presente e o futuro são membros de uma linha temporal onde eles se influenciam mútua e, de certa forma, desordenadamente. Assim, vemos que o patrimônio cultural não só preserva como também reinterpreta a história, conservando a memória coletiva e moldando novas gerações, de forma que as pessoas evoluam com novas perspectivas e ideias, sem perder suas raízes.

Ademais, a memória se mostra um recurso fundamental para a formação da personalidade coletiva e individual. Portanto, é visto que a sociedade, em si, é moldada por um conjunto de ideias compartilhadas que se manifestam em tradições, costumes ou narrativas. Dessa forma, a essência do povo é preservada e perpetuada pelo patrimônio cultural com monumentos, edifícios e praças, formas estas que a memória encontrou para se expressar e manter viva a história de um povo. Logo, esses lugares não só exemplificam o passado, mas também honram as origens da sociedade.

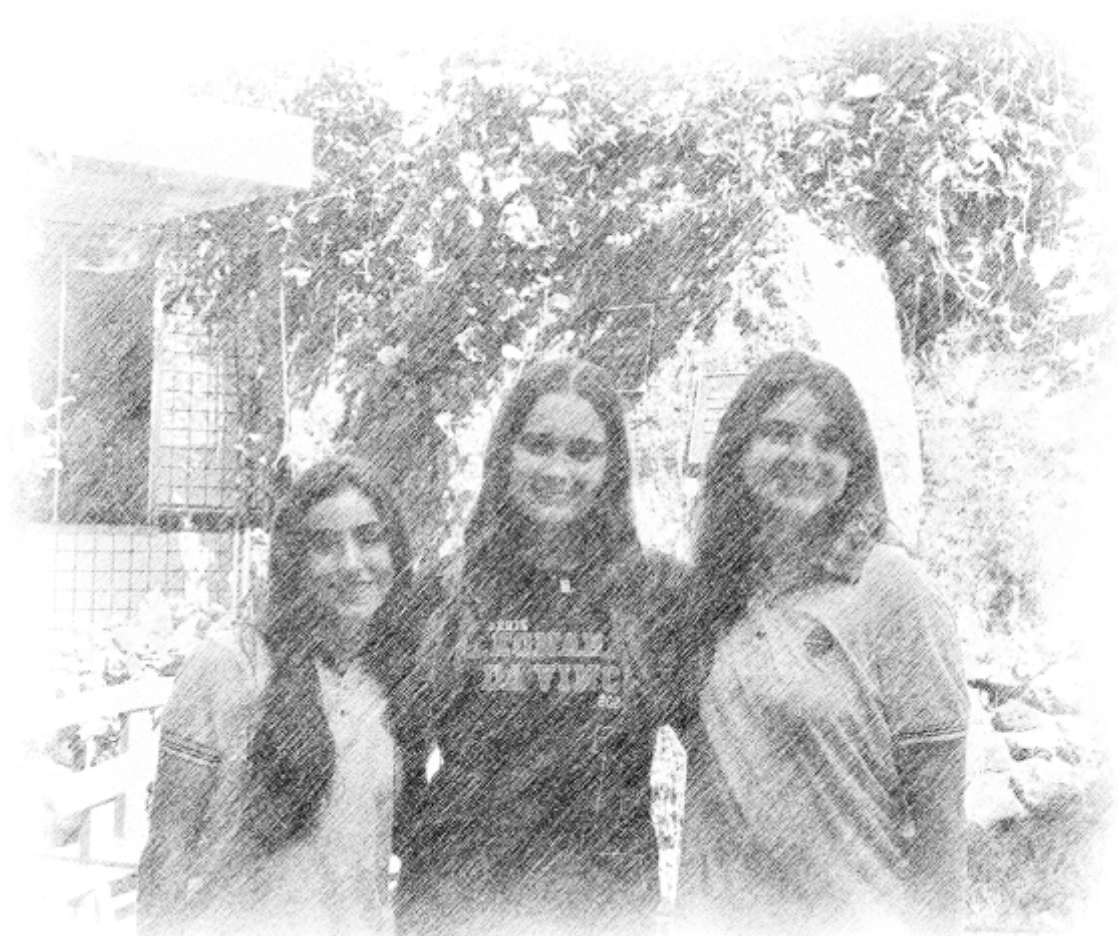
Nesse sentido, o patrimônio cultural defende e promove as memórias coletivas, funcionando também como a demonstração do legado deixado pela história de uma comunidade. Seguindo tal lógica, é perceptível que ele oferece um contato direto com



o passado, possibilitando que povos distintos reconheçam e celebrem sua trajetória. Contudo, tais heranças são usadas como um meio de educação e transmissão de conhecimento e valores às gerações atuais e futuras. Nesse contexto, a preservação do patrimônio cultural é fundamental para manter viva a origem de um povo e para garantir que a identidade cultural não seja esquecida, mas lembrada e valorizada. Como resultado disso, edifícios, praças e monumentos são preservados visando relembrar a história e o que torna esses locais não apenas “templos ao passado”, mas também espaços vivos que continuam a desempenhar um papel ativo na sociedade. Tanto que permitem uma interação entre as pessoas e as suas raízes, promovendo uma maior compreensão do contexto histórico-cultural que as rodeia.

Em suma, a memória, como elemento essencial na construção da identidade, encontra no patrimônio cultural sua representação mais valorizada. Do mesmo modo, essas construções não são apenas uma coleção de locais ligados ao passado, mas um retrato da memória coletiva e da identidade de uma sociedade. Assim, preservá-las é sinônimo de defender a história, a cultura e a essência de um povo, ao garantir que possam lembrar, compreender e valorizar suas raízes. Dessa forma, a memória e o patrimônio são fundamentais para a prevalência da identidade coletiva, proporcionando um sentimento de pertencimento que enriquece a vida em sociedade.





Lais Coutinho Passamani

Mirela Schneider Bianchi

Lia Federici Silva Olivieri





## MUSEU DA VIDA

Memória. Segundo o dicionário: “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos”. Será resumida a apenas isso a memória? “Mas quem és tu, ó digníssima autora, para questionar o dicionário?” Se acalme, caro leitor, meu objetivo aqui é apenas expandir seus horizontes. É inegável que a memória pode estar ligada a uma capacidade neurofisiológica, que se relaciona com os momentos arquivados, metodicamente, em nossos hipocampos, como acontece com os orbes de memória do filme “Divertidamente”. Entretanto, é possível também compreendê-la como um complexo fenômeno social, como introduzido pelo sociólogo Maurice Halbwachs, que concebeu o conceito de memória coletiva. Esse tipo de lembrança conecta intimamente o individual ao global, referindo-se aos conhecimentos, às histórias e às sensações comungadas por um grupo de indivíduos, que, através desses fatos compartilhados, formam sua identidade, a qual ressignifica o passado e sustenta-se na tradição.

Mas afinal, qual é a importância dessa tal memória coletiva? A resposta é simples: por meio dessas reminiscências que ultrapassam gerações, podemos nos guiar para entendermos as falhas e as venturas do passado, construindo, assim, um futuro harmonioso, através da retomada das raízes de uma sociedade, como explorado pelo jornalista Laurentino Gomes. Aqui vem um exemplo claro: o holocausto – morte e destruição como nunca antes visto. A crueldade ocorrida em Auschwitz, em Treblinka e em Dachau não pode ser lembrada somente para dentro dos fortificados portões de ferro dos campos. Devemos lembrar esse período trágico, que deixou marcas vermelho-sangue na nossa humanidade, para que ele não se repita, para que possamos olhá-lo e dizer “nunca mais”, para que possamos aprender com ele. Inclusive, isso já aconteceu na história, ou vocês, caros leitores, acham que foi mera coincidência os direitos humanos terem sido registrados apenas três anos após a Segunda Guerra?

A partir desse ponto, assumirei que a ideia de que nos civilizamos ao exercer a memória coletiva é uma verdade irrefutável. Entretanto, devo ressaltar, ainda, como essas recordações se manifestam no meio social, processo que ocorre por meio dos chamados “lugares de memória”. Essa concepção foi introduzida, em meados do século XX, pelo francês Pierre Nora, que estudou a forma como locais materiais e simbólicos alicerçam memórias coletivas, expressando-as e traduzindo-as. Tais lugares dizem respeito aos museus, aos memoriais, às praças e aos monumentos, que, fisicamente, revivem o passado e representam heranças culturais riquíssimas.

Diante dessa ideia, evidenciam-se os patrimônios históricos, os quais possuem justamente essa função de ancorar e resgatar os tempos que já se foram. Para compreendê-los, não precisamos olhar apenas para os majestosos monumentos ou para os infelizes campos de concentração europeus: voltemo-nos para o local, mais precisamente para o município de Vitória, no Espírito Santo, já que esta autora que vos escreve é uma capixaba da gema leal.

O centro da cidade possui recantos preciosos, que proporcionam a construção de memórias únicas aos que nasceram e cresceram nas redondezas. Afinal, que bom capixaba não tem lembranças nos teatros, igrejas, escadarias e ladeiras do bairro histórico? E o que dizer da encantadora Rua Sete, com sua atmosfera boêmia e

animosa? A ruela conquistou os moradores da cidade, tornando-se um ponto importantíssimo da identidade cultural do Espírito Santo. Outro exemplo de “lugar de memória” capixaba é a Praça Oito (pensa num povo que gosta de número), tão amada que até apelido recebeu: é a nossa querida praça do relógio!

Todos esses locais e patrimônios mantêm viva a história da Ilha de Vitória, conservando, no presente, eventos e personagens indispensáveis no processo de formação do município, como o benquisto Padre José de Anchieta, o indígena Maracajaguaçu e a valente heroína brasileira Maria Ortiz, todos esses analisados pela estudiosa Nara Saletto, em sua obra “Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas”.

Uma coisa é fato: os patrimônios históricos concretizam a memória coletiva, seja através de uma simples escultura de uma catadora de papel ou de uma imponente catedral metropolitana. Os lugares de memória, assim, compõem o acervo de um museu ímpar e valioso: o Museu da Vida. Não da minha, não da sua, mas do encontro perfeito de cada vida que integra uma determinada sociedade. Cada comunidade tem seu Museu da Vida, que requer visitas numerosas e constantes, a fim de garantir a ativação de nossas memórias coletivas.

Mas enfim, valeu a pena explorar aquele conceito raso elaborado pelo dicionário?





## “ENTRE TRADIÇÃO E ABANDONO: UM OLHAR SOBRE O CENTRO DE VITÓRIA”

No livro "De história em história se fez Vitória", o autor Santos Neves apresenta uma narrativa que rememora as marcas da colonização, que permearam cada parte de Vitória, incluindo o seu centro urbano, evidenciando a importância de preservar e valorizar suas tradições. À luz desse contexto apresentado, é possível notar que, com o passar dos anos, pouca atenção foi destinada aos símbolos históricos e culturais existentes no Centro de Vitória, haja vista a ausência de manutenções e investimentos no local. Dessa forma, é imperativo resgatar essa história que é frequentemente invisibilizada, uma vez que traços das vidas capixabas se fazem presentes em cada parte desse ambiente indelével.

Em face desse apontamento inicial, é necessário destacar que, apesar da ausência de manutenções, histórias como as do imponente Palácio Anchieta, que se ergue como monumento à governança e ao poder, permanecem vivas, sendo sede do governo estadual e fazendo parte do patrimônio aberto para visitação pública. Isso, dado que sua construção foi realizada pelos jesuítas no século XVI, abrigando figuras como o padre José de Anchieta, que foi essencial na catequização e educação dos povos indígenas. Sob esse viés, hoje, como sede do governo estadual, o palácio é um símbolo de poder e história, onde a fé e a política se encontraram para moldar o futuro da região. Dessa forma, a presença de Anchieta e sua obra ecoam ali, marcando as complexidades da colonização.

Ademais, é importante notar que, no cenário artístico, a área central de Vitória fez parte de emblemáticos movimentos e apresentações étnicas, abrigando espaços extraordinários como o SESC Glória e o Theatro Carlos Gomes, que foi fundado em homenagem a Antônio Carlos Gomes, o mais importante compositor de ópera brasileiro. Isso porque, assim como formulou Rubem Braga, este é o lugar onde a arte respira, onde as paredes contam histórias e os palcos ecoam melodias que refletem pela eternidade. No entanto, a realidade atual desses ambientes é marcada por desafios, a exemplo da falta de financiamento e de reconhecimento. Apesar de sua importância para a identidade e para a expressão cultural capixaba, muitos desses espaços lutam para manter suas portas abertas e suas atividades funcionando plenamente, sendo necessária uma maior valorização e apoio por parte das autoridades locais e da sociedade.

Além disso, torna-se pertinente apontar que a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Vitória, em sua arquitetura gótica, é mais que um patrimônio histórico, é um símbolo de fé e devoção para os habitantes da cidade. Como cantado em versos de Saulo Simonassi, é na Catedral que os fiéis se reúnem para louvar Nossa Senhora da Vitória, padroeira da cidade. Essa devoção transcende as barreiras territoriais e se manifesta de forma única durante a romaria até o Convento da Penha, em que milhares de fiéis de todo o Brasil se reúnem na Catedral de Vitória e seguem em procissão para pagar suas promessas e renovar sua fé. Da mesma forma, a Capela de Santa Luzia, considerada a construção mais antiga da cidade de Vitória, com suas origens no século XVI, é um farol de fé para os habitantes capixabas, preservando a arquitetura colonial brasileira e sendo instrumento essencial de fé para os cristãos.

No entanto, é importante destacar que o Centro de Vitória, como um ícone do desenvolvimento econômico do Espírito Santo, personifica também a vitalidade corporativa em locais como o Porto de Vitória e a Vila Rubim, que movem fortemente a economia do estado. Entretanto, é notório que, por trás de tanta mobilidade, esconde-

se uma triste realidade de invisibilidade e degradação do patrimônio histórico e cultural capixaba. Isso porque, assim como denunciado pelo artista Silvero Pereira, os problemas sociais, como a ocupação das ruas próximas ao Hospital Central de Vitória, pelos dependentes químicos, são um lembrete dos cidadãos marginalizados e dos desafios enfrentados na sociedade. Outrossim, também é importante salientar que, com a ausência de medidas eficazes, histórias se perdem juntamente com as construções desse centro urbano, seja por falta de investimentos, seja pela ausência de atenção política, tendo em vista que a preservação do patrimônio é também a defesa da identidade de uma comunidade.

Por conseguinte, fica claro que urgem medidas a serem tomadas em prol do desenvolvimento dessa região, que além de ser o centro da capital do Espírito Santo, foi também o centro do desenvolvimento capixaba. Logo, cabe ao Ministério do Turismo, por meio da Secretaria de Turismo capixaba, promover propostas de intervenção que incluam investimentos em revitalização urbana, mediante a preservação do patrimônio histórico e a promoção da cultura e do turismo sustentável, a fim de, como sugerido por Fernando Pessoa em seus poemas, preservar a história para um futuro digno. Após a tomada dessas medidas, com determinação e comprometimento, será possível realizar o reavivamento do Centro de Vitória como um símbolo da identidade e do orgulho capixaba, mantendo viva a chama da história um dia resgatada por Santos Neves no livro "De história em história se fez Vitória".

Referências:<https://m.vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonio-historico>

<https://www.es.gov.br/historia/colonizacao>





## ENTRELINHAS E GRITOS

Um epitáfio, escrito muitas vezes dolorosamente na dura e pálida lápide, tem a função de dar a oportunidade ao morto de deixar uma última mensagem para o mundo que partiu. Epitáfios servem, querendo ou não, como um mecanismo de conexão entre a mente falecida e o mundo em que ela cedeu, que agora, para ela silencioso, tem a oportunidade de ouvir o que os restos mortais têm a dizer. Desde a derme mais límpida até a mais pregada, se entendem as diferenças marcantes sempre presentes entre os grupos altos e baixos no vasto âmbito social. A palavra de todos não está destinada a ser cravada e por isso que inúmeras obras, monumentos e acervos existem, para que o grito da lembrança não seja silenciado por falta de zeros numa conta bancária, se é que há uma. Mas o grito que tenta não se abafar, pode, muitas vezes, não prestar por suas filosofias ou condições finais, e sim pelo simples ato do grito e pela tentativa de permanência. Se faz um grito doloroso, que arranha a garganta e tenta ensurdecer seu redor, pela simples tentativa de manter a lembrança, a dor, e a memória. Ou melhor, a dor é memória.

E se há alguma queixa ou dúvida, considere Auschwitz a comprovação perfeita do dito. O campo, concentrado em punições presunçosas guiadas por ideologias viscerais, permanece ainda intacto, tanto por aparência, quanto pelas sensações do cheiro e do gosto das mortes injustas.

Existem aqueles que estranham e se sentem violentados pela preservação e permanência do campo de concentração, enraizado por sofrimento e desumanidade, mas o ato de exibi-lo e resguardá-lo para que as futuras gerações tenham contato com a fatalidade de tais acontecimentos se mostra como uma forma de conscientização, um dos escudos contra a ignorância em que persiste o esquecimento. Porém, a eficácia desse escudo não se revelará caso a negligência já esteja interiorizada no indivíduo que, supostamente, a está combatendo.

A preservação de diversos patrimônios culturais da humanidade acaba seguindo um viés edificador de ideias fantasiosas e patrióticas sobre pessoas, em sua esmagadora parte homens tiranos e perniciosos, ou acontecimentos que simbolizam coragem e glória, mas que, na verdade, estão permeados pelo genocídio e preconceito. E tudo isso no final gera uma alteração mordaz, uma censura ao grito restante da memória. E ao esse grito atingir os tímpanos da sociedade tomada pela alienação, não se concebe a reflexão que deveria e sim comportamentos que reproduzem fatalidades e concretizam o vazio da ética da mente humana.

A dor, dessa forma, não deve e nunca deverá ser um fator descartado na história de qualquer sociedade. E a partir da dor que o indivíduo sente, de maneira mais

profunda, a vulnerabilidade do homem, e enxerga a real face que esse mesmo esconde. A face que só se mostra quando a sede de poder vence, ou, mesmo que quando mínima, alcança a superioridade sob outro indivíduo, mesmo que seja um irmão.

Então, se mostra da forma mais clara, que por mais lustrosa que seja a estátua e por mais límpido que seja o palácio e a coroa: a história oculta pelo brilho das joias é suja. E por mais sujo e moribundo que seja o obelisco e por mais grotesca que seja a pintura: a história, a memória e a permanência estarão lá. Estarão elas talvez flácidas, amedrontadas e fraturadas, mas nunca caladas. E cabe ao próprio indivíduo despertar a sua curiosidade e instigação pelas verdades suprimidas em cada livro, museu e monumento os quais a história pode esconder. Entender é nada mais que se proteger da manipulação e da opressão daquele que profana ditos falsos.

Enquanto ainda houver vozes legítimas à verdade, mesmo que a dureza e injustiça que regem a humanidade permaneçam, os epitáfios imaginários permanecerão.





Cecília Rinaldi Nunes Couto



Maíte da Rosa Dinetto



Maíte Alcântara Salim Venancio



Daniela Andrade Padilha



Julia Muzzi Cabral



Miriam Zoréa Carneiro



Liz D'aroz Jahour Moulin



Ana Catarina Pinheiro Veu Rosa



Augusto Peixoto Miguel Costa Pereira



Maria Eduarda Bassotto Pesst



João Vitor Glábert Coradini



Marina da Rosa Dinetto



Isadora Brancosa Costa Pedra



Pedro Mello Guimarães



Bárbara Brondão Sobrinho



Luis Coutinho Passamani



Mirela Schneider Bianchi



Lia Federici Silva Oliveira

Uma palavra escrita  
é a mais fina das relíquias.

(Henry Thoreau)



CENTRO EDUCACIONAL  
LEONARDO DA VINCI

An **inspired** school

[www.davincivix.com.br](http://www.davincivix.com.br) | [davinci@davincivix.com.br](mailto:davinci@davincivix.com.br) | [f/davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davincivix](https://www.instagram.com/davincivix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300



SESC  
*Gloria*  
Centro Cultural